



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

31 de Março de 2007 • Ano LXIV • N.º 1645

Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
 Fax 255753799 - Email: obradaru@lol.pt — Cont. 50078898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Pessoas

FEZ um ano, no passado dia 17 de Março, que D. Maria da Luz adormeceu no Senhor.

A recordação da sua vida, amadurecida, principalmente desta última década e meia, com a qual privámos, foi suficiente para perceber a grandeza de alma e de entrega desta mulher à Obra da Rua e aos Gaiatos na senda de Pai Américo. O testemunho da sua vida fez-nos «devotos»! Por isso, fomos para o Altar do Senhor com redobrada devoção, para nele celebrar o dom de quem se entregou, e continua a entregar, no escondimento — por amor.

Cristo Senhor, Maria — a Mãe — os meninos, gaiatos de Pai Américo e os seus Pobres, foram sempre, e até ao fim, o seu único amor!

Para com os sacerdotes em geral, e particularmente os da Obra da Rua, nutria grande afecto e devoção. Mãe de muitos filhos, de grande família, sabia que o Padre é pai que parte o pão e põe a mesa divina a muitos filhos... Dessa devoção para com os sacerdotes ouvimos, muitas vezes, a Padre Horácio: «Para esta mulher, depois de Deus Nosso Senhor, são os sacerdotes...» Com que unção e veneração, algumas vezes, ela nos confidenciou que lavou os pés ao Padre Américo...

Pai Américo reconheceu, de tal modo, a sua vocação para a Obra da Rua que, um dia, a terá confirmado nestes termos: «Filha, tu és nossa, nada te há-de faltar...»

O seu despojamento era edificante. Padre Horácio, que partiu antes dela, dizia: «Só eu sei as disposições desta Senhora, à hora da sua morte...»

Nada deixou de valioso, materialmente falando, nem para si nem para ninguém. Nada possuía, a nada estava agarrada.

Morreu no Senhor e vive, agora, definitivamente n'Ele — a Quem serviu sempre nos Gaiatos. Gostámos deste pensamento, ele mesmo dominou a nossa Eucaristia: Maria da Luz está no Céu! Era do Céu, aliás, que ela falava sempre para exprimir os mistérios da sua fé; do Céu e de Nossa Senhora.

Nos últimos tempos da sua vida viveu largos períodos em Fátima. «A senhora do gaiato», como era conhecida, passava o seu tempo na capelinha junto ao andor e às flores «da Senhora



Os meninos, gaiatos do Padre Américo... foram sempre, e até ao fim, o seu único amor!

mais brilhante que o Sol». Ajeitava, pedia, trazia e guardava... Não se desfazia delas...

— Eram as flores da Mãe...

Sempre lhe ouvimos falar de Maria, sem grandes predicados. Para ela, Nossa Senhora, era, simplesmente, a Mãe! A maternidade de Maria iluminou a sua vida e fê-la seguir Jesus aceitando ser Mãe de quem se viu privado dela, mas não perdeu o gosto de a ter: os Gaiatos.

A recordação da vida desta mulher, neste tempo de alguma segura de valores humanos e vazio espiritual, vale-nos de estímulo e alimenta a Esperança!

Padre João

Malanje

Emprego para um rapaz

AS companhias e empresas não são instituições de caridade. Cada operário tem de dar o rendimento X, para não caírem no poço.

Há dias, pedi emprego para um rapaz a um comerciante.

— O que é que ele sabe? Não rouba? Olhe que os seus rapazes não têm grande fama.

Este rapaz vivia com uma avó. Esta morreu quando ele tinha 10 anos. Nunca foi à escola. A avó vendia fuba nas feiras, e o rapaz lavava os pratos das magras refeições.

Quando a avó morreu, continuou a sua vida na rua. Fazia biscates e recados. Ninguém lhe deu a mão. Roubou, algumas vezes, para matar a fome? Talvez, sim. Que farias tu? «A fome enlouquece».

Veio aos 12 anos. Aos 20, com a 6.ª classe: «O que é que ele sabe?»

Tem razão senhor comerciante, nem carregar um saco — pois ele é franzino.

Continuar a estudar? Não tem capacidade. Aprender uma arte? Já não vai a tempo. As empresas querem bons mestres.

— Porque não põe os rapazes grandes na rua?

— Na rua! — Digo eu.

Devemos respeitar e suportar o contexto duma sociedade e agir conforme?!...

Um dos que tenho em Casa, vivia na rua. Drogava-se com o cheiro da gasolina até ficar tonto e adormecer. Recordo que aos dois anos era um ratinho. Umas Irmãs acolheram-no até à idade dos sonhos. Estes levaram-no para a rua e tomaram conta. Eis.

Agora, mil soluções simplórias: Que se desunhe, que trabalhe, que procure a vida; aqui, não! Que vá.

E tu que tens filhos, os amas e perdoas, tens algo a dizer-me e a aconselhar-me?

Padre Telmo

A Obra da Rua

O Evangelho deste IV Domingo da Quaresma, a *Parábola do Filho Pródigo*, confronta o Homem com a sua dificuldade de conciliar a Justiça e a Misericórdia. Pecadores que somos todos, se por ventura não mergulhados no pecado, encontramos naturalmente fundados num pensamento justiceiro que enche a mente dos fariseus de todos os tempos, excluindo capacidade para a Misericórdia.

Ao dirigir a parábola aos fariseus e aos escribas murmuradores, Jesus proporciona ao filho pródigo a oportunidade de lhes dar uma lição: a confiança sem limites na bondade do Pai — que é Amor e incapaz de outro acto senão amar.

Na verdade, o pródigo não é apresentado como um convertido que se fica na dor de consciência pelo mal cometido, para a grande opção: o regresso a casa. São os padecimentos a sua motivação: «eu aqui a morrer de fome... e quantos trabalhadores de meu pai têm pão em abundância». Contudo, permanece nele um sentido de Justiça, decerto parte integrante no processo de Misericórdia: «Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho, mas trata-me como um dos teus trabalhadores». Ele julga-se e propõe uma sentença. Será muito que a justiça do Pai a aceite. A futura humilhação do filho, anónimo entre os servos, será o preço que lhe compete e a que se dispõe.

PENSAMENTO

Tenho medo do luxo provocador. Como não, se ele é o pai e a mãe da miséria! Um santuário de pobreza não deve ser profanado.

PAI AMÉRICO

O Pai, porém, é o Senhor da Graça, Fonte de uma corrente inesgotável de graças sobre graças. Quando à primeira, que fez «cair em si» o filho, ainda longe, este correspondeu, ficou satisfeito o preço que o senso humano do filho considerava justo e passou a valer a decisão da Justiça-Misericórdia natural em Deus e mistério para os homens e meta para que hão-de caminhar — eles, imagem d'Ele.

A Obra da Rua é uma caminhada desta espécie. Hoje, há

setenta e cinco anos, Pai Américo foi mandado fazê-la *in nomine Domini*, pela palavra do seu Bispo.

Hoje, Dia de S. José, o *ofício das leituras* recorda-nos, da Epístola aos Hebreus, que «a Fé é a garantia dos bens que se esperam e a certeza das realidades que não se vêem. Pela Fé compreendemos que o Universo foi formado pela palavra de Deus, de tal modo que as coisas visíveis não provieram

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Assinante 9790, de Perosinho, envia «pequeno cheque de cem euros. Neste Tempo favorável da Quaresma, que o Céu nos ilumine e ajude a emendarmos, em nossas vidas, tudo o que está mal e, assim, possamos viver intensamente o Dia de Páscoa. E a Mãe do Céu interceda, sem cessar, por todos nós, pecadores».

Vila Nova de Gaia, cheque de cinquenta euros, da assinante 35193: «Eu sei que é muito pouco para ajudar a tantas necessidades, mas é com o coração. Agradeço uma oração pela minha família».

Amadora, assinante 20185: «O Júlio Mendes sabe que sou assinante há vários anos. Apercebo-me de quantos irmãos, poderem aliviar os seus sofrimentos físicos e morais. Para suavizar as angústias de alguém, junto um cheque de duzentos euros».

De Pereira, assinante 78360, mais um cheque «para os Pobres da vossa Conferência, para algo que necessitem nesta altura da Quaresma; ocasião de renúncia e dádiva àqueles que mais necessitam e, infelizmente, são tantos. Haja alguém que se lembre deles!»

Finalmente, duzentos euros, de um sacerdote do Porto, que entregou ao nosso Pároco, destinados «à pastoral social e caritativa de Paço de Sousa».

Muito gratos aos Amigos dos Pobres. Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

O PAPA QUER PARÓQUIAS AO SERVIÇO DOS MAIS POBRES — Espera que as comunidades paroquiais da Igreja Católica sejam uma referência para os Pobres, aos quais são chamadas a dar apoio.

«Da união constante com Cristo, a paróquia tira energia para comprometer-se, sem regatear esforços, no serviço aos irmãos, particularmente os Pobres, para quem representa uma referência primeira», disse o Papa aos participantes da Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para os Leigos. A paróquia, sustentada, deve ser uma «família de famílias».

Já na sua encíclica «Deus caritas est», e na linha da tradição das primeiras comunidades, o Papa afirmara não ser tolerável que continue a haver, nas comunidades cristãs dos nossos dias, pessoas a quem falta o indispensável para uma vida digna.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

VISITAS — No dia 26 de Fevereiro de 2007, recebemos a visita dum escola de Guimarães. Fizeram uma visita guiada à nossa Casa e, no final, convivemos um pouco. Trouxeram-nos algumas ofertas, nomeadamente produtos alimentares, pelo que, queremos deixar aqui o nosso agradecimento.

No dia 7 de Março de 2007, recebemos a visita de outra escola, agora, vinda de Vila Nova de Barquinha. Passaram parte do dia connosco, con-

vivemos uns com os outros, brincámos... enfim, foi muito divertido. No final ofereceram-nos algum material escolar e produtos alimentares. Deixamos aqui também uma palavra de agradecimento pelas ofertas.

No dia 15 de Março de 2007, veio até nós uma turma de alunos do 5.º ano do Instituto de Almalaguês. Visitaram a nossa Casa, jogaram futebol connosco..., enfim, foi um convívio muito agradável. Também nos fizeram algumas ofertas, tais como: roupas, material escolar, etc... O nosso bem-haja pelas ofertas, convívio e carinho que nos proporcionaram.

AGRICULTURA — Agora, o nosso trabalho centra-se na sementeira das batatas.

Esperamos que o tempo ajude e tenhamos uma boa colheita.

ANIMAIS — Os nossos gansos continuam a pôr ovos enormes. Neste momento temos uma porca prenhe. Esperamos que tenha muitos leitões! Neste momento, andamos em obras nos currais.

ESCOLA — O segundo período está quase no fim! Nesta fase, os rapazes, que têm notas mais baixas, estão a fazer um esforço para as conseguirem subir e, assim, terem melhor aproveitamento no final do período.

Esperamos que todos consigam alcançar os seus objectivos.

Gaiatos do Alternativo

Paço de Sousa

«PREÇO CERTO» — O apresentador deste programa televisivo (Fernando Mendes) e o seu responsável de produção visitaram-nos e fizeram-nos o convite para estarmos presentes na edição 1000 do Preço Certo, no Coliseu do Porto, onde foi apresentada uma pequena reportagem da nossa Casa do Gaiato e cujo produto, das chamadas telefónicas recebidas durante o programa, reverteu a nosso favor.

No fim do espectáculo foi-nos oferecida uma câmara, que trouxemos para Casa. Agora já podemos gravar acontecimentos da nossa vida em família.

Bem-haja por se terem lembrado de nós, e pela alegria que nos trouxeram com a vossa visita.

VISITA À CASA DA MÚSICA — Em 17 deste mês fomos, juntamente com os professores que nos ajudam na sala-de-estudo a nível escolar, informático, artes e diversão (cinema), visitar a Casa da Música.

Com a ajuda dum guia, adquirimos conhecimentos sobre os materiais, que o arquitecto utilizou, assim como sobre os desenhos, os espaços e de como surgiu e quem realizou o projecto.

Regressámos a Casa. Os professores foram à sua vida e nós para o almoço, onde foi anunciado o nome dos rapazes que iriam ao espectáculo do milésimo programa do Preço Certo.

Zé Reis

ESCOLA — Os rapazes estão a esforçar-se para obter melhores resultados. A alguns foi dada nova oportunidade para alcançarem sucesso, nos



... a menina dos olhos do Grupo Desportivo: os mais novos, que são orientados pelo «Bonga» com muita dedicação.

estudos, mas não aproveitaram, infelizmente.

Esperamos que os workshops de inglês, leitura, escrita, cálculo e raciocínio matemático, os ajudem a vencer as dificuldades, a partir de agora.

Carlos José

DESPORTO — Unidos, estamos sempre! Mas, desta vez, recebemos os Unidos Oriental F.C. para confirmar, ainda mais, a estabilidade e a harmonia deste grupo de trabalho. De tão unidos estamos, conseguimos ganhar, mais uma vez, com golos de «Bolinhas» (2), Rogério (1), Ilídio (1), Pretinho (1) e Gil (1), contra dois do Oriental. Estamos a atravessar, novamente, um bom momento e os Rapazes, cada vez mais, ganham gosto pelo que fazem. Ilídio, então, está imparável nas grandes exibições. Tudo que lhe aparece, fica para trás. Já o Erickson, pensa que está a jogar na escola, onde imagina, com certeza, que é o «maior da cantareira». Entrou na segunda metade e não chegou ao fim. De tão contente ficou, até saiu a bater palmas...! É pena que, por vezes, não se pare para pensar melhor e, logicamente, ponderar certas e determinadas situações do jogo, como eles sabem, podem e devem, depois de, para isso, estarem devidamente alertados. Vamos esperar para ver! Agora, a surpresa veio do António Pedro, o segundo guarda-redes que, a 15 minutos do final, substituiu o «velho» e exemplar Teixugueira, não deixando entrar qualquer golo e tendo feito, ainda, um bonito ao defender uma grande penalidade. Promete... se continuar a ser humilde.

Dezasseis horas depois, novo jogo. Mas, agora, com a menina dos olhos do Grupo Desportivo: os mais novos, que são orientados pelo «Bonga» com muita dedicação. Receberam os pupilos da Junta de Freguesia de Cete, onde o nosso Carlos Gonçalves é o Presidente e a quem ganharam, francamente não sei por quantos. Perdi-lhe a conta! Temos, ainda, mais jogos agendados com eles, para que se preparem, o melhor possível, para o cam-

peonato da Câmara de Paredes, de que vão fazer parte. Felicidades!

Quero, ainda, referir, que se tinha feito um apelo aos mais velhos, para estarem presentes e os apoiarem. Ninguém faltou! Agora é diferente. Tudo está em sintonia.

Uma semana depois, foi a vez de recebermos o F.C. «Os Faíscas». E não foi nada agradável se tivesse dado curto-circuito. Acredito, sinceramente, no gosto que um dos responsáveis teve, em vir jogar com os nossos Rapazes. No entanto, nem todos os seus jogadores estão preparados para lidar com *alta tensão*. Nós já nos habituámos, por isso, não utilizamos as mãos para enfrentar... o perigo. Usamos, sim, os pés para jogar a bola e a cabeça para pensar, respeitando o adversário, desde que ele siga o mesmo critério. Depois de termos chegado ao fim dos primeiros 45 minutos com um 0-0, e de, nos primeiros 15 da segunda parte, estarmos a perder por 0-3, não foi fácil à equipa visitante digerir o resultado final, com golos de «Bolinhas» (2) e Gil (2).

Não estaríamos a ser justos, se não dissessemos que a equipa dos «Faíscas» é uma equipa a praticar bom futebol, e a trocar muito bem a bola, mas isso, não lhes dá o direito de perderem a cabeça quando as coisas lhes correm menos bem. Não estamos habituados a fazer de um desafio de futebol um campo de batalha. Pelo contrário, fazer, sim, de cada jogo um encontro de verdadeiros amigos. Estamos à-vontade e gostamos de cumprir o tempo estipulado por lei: 90 minutos.

Alberto («Resende»)

Setúbal

CASA DE FÉRIAS — Nas últimas semanas alguns dos nossos rapazes mais o senhor Paulo estiveram nas obras da nossa casa, por causa dos esgotos e do chão do nosso refeitório. Finalmente, está quase tudo acabado.

O problema do esgoto está resolvido e o chão do refeitório está como novo. Esperamos que não haja mais problemas com a nossa casa de férias.

AGRICULTURA — A nossa cevada já cresceu e já começaram a sua colheita. Está na altura de semearmos as batatas. Por isso, à medida que se vai cortando a cevada, prepara-se, logo, a terra para semearmos as batatas. Nesta altura não há lugar para descanso, pois aproxima-se o Verão e precisamos de semear também o nosso milho.

O ti Zé vejo dar-nos uma ajuda a cortar as batatas para semear.

Esperamos que este ano seja de abundância e as nossas terras dêem bom fruto.

RAPAZES NOVOS — Há duas semanas vieram, cá, para Casa, três rapazes novos. Eles são: o Tiago e o seu irmão Moroni, e o Alfcense. São eles, agora, os nossos «Batatinhas». Dois começaram a escola, e o Tiago ainda não tem idade para lá andar. São três rapazes maravilhosos e todos os rapazes gostam de lhes dar mimos e carinho.

Esperamos que gostem de cá estar e sejam uns homens.

VACARIA — A nossa máquina de dar comida ao gado, com o passar dos anos, foi-se estragando, por isso, os nossos serralheiros estão a arranjar a máquina. Por agora, os rapazes que estão na vacaria têm de dar comida ao gado, à mão, com a ajuda do tractor e do reboque. Esperamos que se despachem a arranjar a máquina, pois, esta, faz muita falta.

JARDINS — Por esta altura os nossos jardins estão todos floridos. Agora é que se começa a ver o trabalho que o «Monchique» e a D. Isaura têm tido ao longo do ano. Por isso, a nossa Casa está muito bonita e as flores dão-lhe um ar mais alegre e radiante.

Gualberto

Benguela

Promoção humana

NÃO vamos deixá-la, por mais tempo, dormir no chão, embrulhada em farrapos e aconchegada pelos cinco filhos. Essa mãe veio ter comigo, de manhã, depois duma noite com trovoadas muito forte e aguaceiros abundantes. Pediu um colchão e as chapas para cobrir a casa. Já foi encomendado e, hoje mesmo, depois de partilhar convosco este pedaço da nossa vida, vamos buscá-lo à loja.

Estamos na presença dum símbolo que fala, com impacto social muito denso, da realidade vivida à nossa volta e nos pequenos e grandes aglomerados da população anónima. Que experiência rica de alegria e dor por sermos o refúgio seguro do amor gratuito para estes filhos e filhas! Entram a chorar, como se fossem culpados da injustiça de que são vítimas inocentes, e saem a cantar, de coração ressuscitado, gozando a alegria da Páscoa em suas vidas. Passam da morte, em que a miséria as retinha, para a vida digna duma criatura humana. Que missão sublime! Haverá outro caminho da felicidade autêntica? Não é verdade que a pessoa só se realiza, de

mãos dadas com os outros, quando dá em abundância, até ao limite das suas possibilidades?

Estou a escrever com os olhos postos no grupo de pequenos que, ao fim da tarde, preparam as aulas do dia seguinte. É um segundo momento de preparação, ao longo do dia. O meu olhar atravessa as paredes da sala, cheias de luz; com carteiras e todas as condições necessárias. Estende-se até aos bairros que nos rodeiam, onde as casas não têm luz, nem o mínimo de condições para os filhos prepararem as suas aulas. É, também, um pedaço de vida gerado no meio da dor. Quem dera houvesse mais braços e mais corações apaixonados pela sorte destas crianças, de tal modo que fosse possível apoiá-las até onde pudessem e quisessem! Da nossa parte, tudo faremos, conscientes, também, dos nossos limites.

Na linha da promoção humana aconteceu, há pouco tempo, o encerramento de mais um curso de Alfabetização, do qual um grupo de jovens integrados na ONG, *Leigos para o Desenvolvimento*, foi o verdadeiro motor. Os actores principais foram um grupo, numeroso, de mulheres,

algumas com os filhos às costas. Com a alegria dos grandes acontecimentos cantaram, falaram e agradeceram, também, a oportunidade de dar um passo importante na subida do caminho da dignidade humana. Meu coração ficou repleto de gozo ao ver algumas das mães dos filhos que estudam na nossa escola. Este é um serviço de raiz na construção da unidade e felicidade do lar. O filho estuda. A mãe também estuda. Há elevação da família, assente na compreensão mútua, resultante da capacidade maior de diálogo. Como foi grande e belo aquele momento!

Estamos em plena Quaresma. Que ninguém receie que a generosidade, a partilha dos seus bens, lhe traga pobreza e falta de recursos. A bondade, a benevolência é, já por si, uma grande riqueza guardada no coração grande e simples. Nunca os frutos da generosidade falham quando são alimentados pelo verdadeiro Amor. Quem dera sintas que a mão divina ao partir o teu pão fá-lo crescer e, quando o partilhas, fá-lo multiplicar.

Páscoa feliz, com muita Paz e Alegria para todos!

Padre Manuel António

DOCTRINA

Como há-de ser amargo às enganadas não terem ao pé de si o pai na hora em que são mães...!



É da Mãe do António, do «Pernas», como a própria Mãe endereça, pois deve ter sabido pelo O GAIATO que o seu filho, aqui, mudou de nome. O «Pernas» nasceu no hospital...! Cresceu nos Arcos de Miragaia e morava numa casota, mai-la Mãe, antes de vir para onde hoje está. É dos da erva e frequenta a escola da noite.

A carta veio em mãos não sei de quem e a Mãe dá nela a razão do facto: «Assim Deus me ajude e me dê saúde que nesta santa hora nem tinha dinheiro para o selo». Não é escrita, mas é ditada pela Mãe. É a fala de Mãe. Mãe angustiada. Angústia cristã, por isso mesmo chama «santa» àquela hora em que nem sequer tem dinheiro para o selo! Logo a seguir, outra tirada divina: «Na Páscoa, quando beijares o Senhor, pede-Lhe que me dê saúde».

ESTA mulher deve ser do rol das enganadas. Elas são legiões, mais por fraqueza do que malícia; mas não se degradou. Ama o filho. Escreve-lhe no dia dos seus anos: «É na terça da semana que vem». Sabe o dia. Sabe a hora. Foi no Hospital de Santo António...! Como há-se ser amargo às enganadas não terem ao pé de si o pai na hora em que são Mães; nem presença física, nem presença moral! Oh injustiça! Oh mundo que brineas com a vida, como fazem na «morgue» os estudantes com os cadáveres!

DEPOIS de ter marcado ao seu filho o dia de anos, dá-lhe a Mãe mais uma prova de amor: «Hei-de ver se a Gilberta te manda uma prendinha, porque eu de maneira nenhuma posso». Pede à Gilberta, talvez uma Pobre como ela, quem sabe se também enganada!... Ama o filho. Ama igualmente a Cruz: «Quando beijares o Senhor...» Esta Mãe é uma doente, a julgar pelo que a carta diz. Vê-se nitidamente, não só por aquele «pede-Lhe que me dê saúde», mas também por outras revelações: «Andei a acarretar terra e senti-me muito mal. No dia seguinte aí estava eu a ver o resultado»... Doente, sim; e que doença!

DEPOIS de ter lido eu mesmo a carta, chamei o rapaz ao pé de mim. Conversámos. Gostaria de o amar tanto como a Mãe, mas isso é privilégio! A loucura do amor passou de Deus a Cristo Jesus e também entrou um nadinha no coração da Mãe. Só ela. Nós não sabemos amar. Conversámos.

- Sabes onde mora a tua Mãe?
- Cuido que sim.
- Queres ir vê-la?
- Quero sim senhor.

FOI ele mesmo dar à sua Mãe o que ela não podia dar. Ele foi a prenda de anos. Regressou à noitinha. «Ela ficou muito contente de me ver. Disse que agora ficava com mais saúde». Chama alegria à saúde! Mulher que lê esta carta, se és Mãe, limpa as lágrimas, beija os teus filhos, indaga de Deus qual a razão do teu Bem e ama.

O. Amín. 5.1

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Correspondência dos Leitores

O Senhor vos recompense

«(...) Que o Senhor vos recompense e abençoe. Este pequenino cheque é enviado anualmente, faz parte das minhas obrigações, enquanto o Senhor não me chamar eu não desistirei. É uma pequena ajuda para o Jornalinho que eu adoro ler... Eu rezo por vós. Pedi ao Senhor por mim e pela minha família»

Assinante 36030».

Imperativo de consciência

«As nossas saudações. Há já alguns anos que, por esta altura, queremos partilhar convosco um pouco do que recebemos. É um contributo muito modesto perante as vossas dificuldades com que se deparam para ajudar os que mais precisam. Fazemo-lo por imperativo de consciência e, sobretudo, pelo amor que nos devemos uns aos outros como filhos de Deus e, de modo particular, por serem discípulos de Seu Filho, Jesus Cristo.

A hora que vivemos não é fácil para os educadores e, particularmente, para vós...

Que o nosso Bom Deus, e Pai de Jesus Cristo, continue a dar forças a todos os que vão gastando a sua vida ao serviço da Humanidade, particularmente da humanidade sofredora, e vão construindo Homens.

Assinante 42318».

Prazer de ler O GAIATO

«Bem-hajam pel'O GAIATO cuja leitura tanto nos ensina e impele a sermos melhores.

É um prazer lê-lo: boa escrita; simples, compreensível e interpelladora!

Que Deus vos proteja e mande mais 'operários para a vinha'. Não me esqueço de Lhe pedir, todos os dias, que olhe por todos vós.

Gostaria de contribuir com mais, mas os ordenados são tão pequenos e tantos os que precisam de ajuda!

Assinante 6212».

Ressonância

«Escrevi um poema como ressonância ao apelo, pelo qual convidam homens de Deus, para Sacerdotes da Obra da Rua, para substituir os que vão servindo, já muito vergados pelo peso dos anos. (...) Isto, junto com a minha pobre oração, é tudo o que posso fazer. Rezem por mim. Sou assinante d'O GAIATO.

A TI QUE ESTÁS NA FORÇA DA VIDA E QUERES SONHAR ALTO...

Procuras a glória?
A Verdadeira Glória... é amar e ser amado,
é o rosário... na vida desfiado!

Procuras grandeza?
A Grandeza por excelência,
é a que nos é dada...
pela Divina Providência!

Procuras abundância?
A abundância de pão,
é a que nos é dada...
na partilha com o irmão!

Procuras sucesso?
O sucesso sem par...
está na glória de amar!

Por isso,
se procuras...
glória, grandeza, abundância, sucesso,
vai junto de Deus, e reza, te peço...

Na Obra da Rua encontrarás
a vida a jorrar em abundância...

Nela o Amor, não é só espírito,
é partilha, substância...

Nela a vida é serviço,
alegre serviço à infância!

Lucília G. Silva».

Património dos Pobres

AFASTADO de Paço de Sousa, não tenho tido acesso ao correio do Património, o que dificulta o diálogo com os Leitores.

Comigo ainda conservo algumas cartas como ressonâncias das minhas angústias e projectos: «Sou o assinante 68616 e envio essa pequena quantia que gostava de ver aplicada no Património dos Pobres», cem euros. De Cabeçais: «Para ajuda daquela Mãe de (10+1) filhos em que tenho muita alegria de colaborar». A esta, e muitas outras Leitoras e Leitores,

devo comunicar a alegria da visada Mãe, em telefonema exultante: «Ai, senhor Padre, a minha casa está tão linda!»...

Entendo a alegria desta Mulher! Nada a apagar nem nesta vida nem na outra! Nem a dela nem a minha! Deus fez em nós maravilhas!... Que todos os amigos se alegrem!

O mestre da obra também me ligou a perguntar se punha balcão na cozinha.

Naturalmente. Balcão com armário, lava-loiça e fogão.

O dinheiro há-de vir.

Espero entregar a casa antes ou na Páscoa.

De Leça da Palmeira, 15 euros: «uma ajudinha para a telha de alguma casa do seu Património dos Pobres. Desculpe a modéstia da ajuda, mas é com amor, embora envergonhado».

Meu amigo, aquela Viúva que fez estremecer Jesus não se envergonhou de dar pouco. Aos olhos de Deus, ultrapassou «os que davam quantias avultadas». O Senhor não repara na carteira. Olha sempre os corações.

Nas minhas últimas visitas, a casa dos Pobres, encontrei situações muito diferenciadas. A primeira, foi a de uma família brasileira, emigrada do Maranhão, com duas filhas adolescentes para aqui, poderem estudar: «porque lá, no 'Brasiu', os estudos valem muito». São evangélicos e os da sua Igreja têm-nos ajudado. Deram-lhe um esquentador que acabava de ser montado e representa um enorme benefício para quem passou dois anos a lavar-se em água fria ou a aquecê-la numa panela.

O marido é servente de pedreiro. Era sábado, à noite, e ele regressava do trabalho.

A habitação, arrendada, não tem condições nenhuma de habitabilidade por ser exígua, muito fria no Inverno e muito quente no Verão, coberta de chapas de fibrocimento. O quarto das pequenas não tem janela nem qualquer arejamento. É baixo e da largura da cama, onde dormem juntas.

Dei-lhes um avio abundante e recebi expressões de muita gratidão e louvor a Deus.

Estas pessoas têm, continuamente, na boca palavras de agradecimento ao Senhor, as quais muito nos edificam. Gente pobre de bens materiais, mas rica de valores humanos.

Não é difícil promover estes Pobres, basta dar-lhes os meios.

Na mesma volta, encontrei-me, também, com uma senhora idosa a viver, com uma netinha de 5 anos, a qual dormia num minúsculo quarto com a abertura da janela tapada por papelão.

A avó dormia no pequeníssimo corredor, que era cozinha também. Todos os dias levantava a espuma, logo que se erguia da cama, para ter espaço. Construída por detrás de outras casas, com intervalo de um metro, esta espelunca jamais apanha sol!...

Ilhas de outros tempos, onde se abrigam Pobres do nosso!...

Não havia casa de banho nem água nem luz. O telhado mete água por todos os lados e ela não o pode reparar sem ordem da senhora. Será razão para a pôr na rua, dado que não lhe interessa nada, o aluguer.

No Verão passado recebi uma exposição, assinada por um pároco, do Centro do País a pedir ajuda para o acabamento da casa de uma família da sua paróquia. Respondi, na volta do correio, a dizer que iria lá examinar a situação, mandando-lhe o número do meu telemóvel, para nos encontrarmos lá. Só agora lhe foi possível contactar-me.

Tendo adquirido um edifício em ruínas, a Câmara obrigou a família a construir uma casa de primeiro

andar, dando-lhes umas pequenas ajudas em máquinas e material.

Várias entidades colaboraram, mas uma construção destas envolve muita despesa.

Admirei imenso a força de vontade do chefe de família.

Era também sábado, à tarde. Ele, de trinta e poucos anos, está reformado por invalidez, devido a problemas com a coluna.

Fui dar com ele, de picareta nas mãos, mais dois filhos, adolescentes, a desaterrar a frente da cozinha!...

A construção tem o telhado pronto, mas está em osso, isto é, sem reboco por dentro e por fora. Estão os fossos abertos para a instalação de água, electricidade e gás.

Comprometi-me com a aplicação do reboco. São 4.500 euros.

Em várias divisões encontrei louça de casa-de-banho e de cozinha, móveis reparados pelo nosso herói, portas e janelas de alumínio e madeira, tubos e acessórios que lhe haviam dado e ele arrecadara, numa demonstração de zelo e de sonho invulgares.

Estou a aprender a lidar com a máquina fotográfica e o computador para levar estas imagens aos vossos olhos e ao vosso coração.

Padre Acílio

Minha experiência em Miranda do Corvo

A Casa do Gaiato de Miranda do Corvo é de todas a mais pequena, quer em termos físicos, quer em termos de residentes. Esta dimensão, permite uma vivência mais próxima, mais íntima, mais «cúmplice» entre todos, permitindo assim uma vivência familiar, ou seja, viver e sentir o «espírito de família», que é uma característica base da Obra da Rua, «uma família para os que não têm família».

Aqui existe um Chefe, que constitui uma referência para os outros rapazes, pois é um rapaz eleito por eles e como tal, tem uma autoridade por eles conferida. É ele (o chefe) um dos elementos principais do acto educativo. É o «irmão mais velho», que está atento a tudo o que se passa, que se preocupa com os outros, que intervém sempre que necessário. Cada rapaz procura cumprir o seu papel da melhor forma possível, cumprindo as suas «obrigações» com responsabilidade, tentando sempre cumprir escrupulosamente as normas da Casa.

Aos fins-de-semana vêm os alunos do Lar de Coimbra, que também contribuem nas tarefas da Casa, dando assim uma colaboração na sua orgânica funcional. Com a vinda destes, a Casa fica mais «cheia», mais alegre... é o reencontro de irmãos, é a alegria da família. É também nos fins-de-semana que há mais «algazarra», própria da juventude sadia, alegre e com vontade de viver e de brincar.

Nesta altura do ano, os trabalhos centram-se na sementeira das batatas, onde todos e cada um dão o seu contributo. É a «Educação pelo Trabalho», outro dos lemas da Obra que, por vezes, tem sido mal entendido pela sociedade em geral e, sobretudo, pela comunicação social. A criança deve ter a oportunidade de «fazer», de «mexer», de ser «artífice», acima de tudo de ser responsável, e é nesta linha que o trabalho é visto nas nossas comunidades.

Aqui, todos procuram viver o ideal do Pai Américo... Obra Deles, por Eles e para Eles.

Padre Custódio

Setúbal

Final feliz...

HÁ dias, o Ruben e o Amarante pegaram-seriamente, um com o outro, durante a aula de Educação Física, num jogo de futebol. O senhor professor bem procurou acalmar os ânimos, mas as razões estavam tão vincadas que nem ele escapou na «troca de mimos» entre os dois rapazes.

Mas, como tudo na vida, as hostilidades tiveram o seu fim, tendo os beligerantes sido trazidos à minha presença para julgar e resolver a contenda.

Para quem assistiu, tratava-se de um caso de violência; e também eu me questioneei se não seria!

Quando há violência de facto, esta exige a vitória de alguém, e uma das partes tem de sair derrotada.

Pus, então, à prova os rapazes, lado a lado, com a missão de arrancarem umas ervas que cresciam no encontro de uma parede com o chão. Um, começaria numa ponta, indo até meio do percurso; o outro, na outra ponta, fazendo igual distância.

Deixei-os...

Ao fim da tarde, quando de novo nos encontramos, o Ruben veio ter comigo e disse que já tinham

feito a tarefa que lhes dera. Mais. Que depois de acabar a sua parte, tinha ido ajudar o Amarante a acabar a dele.

Ora eis! Aqui está a violência com que combatem!

Se não fossem tão simples os nossos métodos, teríamos de fazer como fazem outros em situações semelhantes. Instaurava-lhes um processo disciplinar, seguindo à risca as regras dos direitos e deveres de cada um e, por fim, aplicava-lhes a pena. Pelo menos um deles teria de ser castigado uns dias fora da comunidade, pois, assim, manda a boa ordem que, hoje, vigora nos tais meios.

Os tempos que vivemos, actualmente, são de grande confusão. Já nada se resolve sem puxar dos galões da senhora lei. Mas como esta está sujeita a interpretação e os juízes são seres humanos, é melhor valermos-nos da autoridade que se funda na justiça.

Já agora, e como ainda precisamos da Quaresma, não será de desprezar o uso da misericórdia e aguardar por um final feliz...

Padre Júlio

A Obra da Rua

Continuação da página 1

do que se vê. Ela valeu aos antigos (Abel, Henob, Noé, Abraão, Sara) um bom testemunho. (...) Todos eles morreram na Fé sem terem obtido a realização das promessas. Mas vendo-as e saudando-as de longe, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos sobre a Terra», a caminho de «uma pátria melhor, que é a Pátria Celeste».

E na segunda leitura, dos sermões de S. Bernardino de Sena, registámos: «É esta a regra geral de todas as graças singulares concedidas a qualquer criatura racional: Quando a Divina Providência escolheu alguém para uma graça singular, concede à pessoa, assim eleita, todos os carismas que são necessários ao seu ministério. Isto verifica-se de forma eminente em S. José». E verifica-se, com a eminência que Deus atribui a cada um, em todos os chamados a testemunhá-lo.

A Fé firmíssima e esta confiança, simples como de uma criança, em Deus, que não se engana nem nos engana, foram os instrumentos com que Pai Américo fundou e prosseguiu a Obra da Rua. E o fez deixar-nos como palavra de incessante alerta: «Os padres da rua são apaixonados de Cristo. Podem não ter carismas sensíveis nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos; mas são da mesma paixão e gastam-se, como eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo.»

«Recordem a toda a hora que sem Ele nada é possível e com Ele nada é impossível. Neste sentido, o padre da rua não aceita dúvidas. É um obreiro do Senhor que vê a Obra feita antes de começada.»

«Foram escolhidos... Devem guardar e fazer render o dom da escolha, na fragilidade das suas misérias.»

A Obra da Rua não se entende sem olhos de Fé e de Humildade («Sem ela, nada!» — sublinhou muitas vezes Pai Américo) a qual torna os homens capazes de aceitar o mistério quando «o Invisível aparece em beleza estonteadora» e os convida a descer dos frutos à raiz, que só ela pode explicar plenamente os frutos. Por outra via, com outros meios, muito sábios que pareçam — o conhecimento é profanação.

Graças, pois, porque o entendimento pleno de afecto de tantos, tantos que conhecem e amam a Obra da Rua, é sinal de Fé realmente viva, até em alguns que se julgam mal, julgando não a possuir.

Padre Carlos